

---

## A PRESENÇA DE ESCRITORAS PORTUGUESAS NOS ALMANAQUES SUL-RIO-GRANDENSES

The Presence of Portuguese Women Writers  
in Almanacs from Rio Grande do Sul

Francisco das Neves Alves<sup>1</sup>  
Isabel Lousada<sup>2</sup>

**RESUMO:** As inter-relações luso-brasileiras tiveram nas atividades intelectuais um ponto essencial de aproximação entre ambos os países. Intelectuais atuantes nas mais variadas áreas do saber humano dos dois lados do oceano interagiram entre si, formando uma verdadeira rede de conexões e, nesse quadro, a literatura e a imprensa tiveram um papel fundamental. O intercâmbio literário e jornalístico foi intenso nos quadros luso-brasileiros da virada do século XIX ao XX, inclusive em meio à publicação de anuários. Nesse cenário, o presente estudo aborda a participação de escritoras portuguesas na produção textual expressa através dos almanaques sul-rio-grandenses.

**PALAVRAS-CHAVE:** Almanacs sul-rio-grandenses; Escritoras portuguesas; Imprensa; Literatura.

**ABSTRACT:** The Portuguese-Brazilian interrelations had in the intellectual activities an essential point of rapprochement between both countries. Intellectuals active in the most varied areas of human knowledge on both sides of the ocean interacted with each other, forming a true network of connections and, in this framework, literature and the press played a fundamental role. The literary and journalistic exchange was intense in the Luso-Brazilian contexts from the turn of the nineteenth to the twentieth century, including in the midst of the publication of yearbooks. In this scenario, the present study addresses the participation of Portuguese women writers in the textual production expressed through the almanacs of Rio Grande do Sul.

**KEY-WORDS:** Almanacs sul-rio-grandenses; Portuguese women writers; Press; Literature.

Tendo em vista as relações históricas entre Brasil e Portugal, ambos mantiveram intenso intercâmbio cultural mesmo após a independência do primeiro. Ainda que a instauração da forma de governo republicana tenha trazido consigo certa instabilidade nessas conexões, chegando a ocorrer por

---

<sup>1</sup> Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande; docente do Programa de Pós-Graduação em Letras da FURG; Doutor em História pela PUCRS

<sup>2</sup> Investigadora Auxiliar da NOVA FCSH; Investigadora integrada CICSNOVA – Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais.

curto período o rompimento diplomático entre os dois países, no campo da cultura, as permutas não deixaram de ocorrer e inclusive contribuíram com a reaproximação plena entre eles. Nesse quadro, a intelectualidade teve um papel essencial, mormente através das interações literárias, as quais tiveram na imprensa um veículo fundamental de difusão. Intelectuais brasileiros e lusitanos escreveram em profusão nos periódicos editados do outro lado do oceano, formando verdadeira rede de inter-relações, que ganhou ainda mais corpo na virada do século XIX ao XX. Em tal contexto, os almanaques constituiriam uma publicação que garantiu espaço recorrente a esse tipo de interação, como foi o caso da presença de escritoras portuguesas nos anuários rio-grandenses-do-sul, fulcro deste trabalho.

Os almanaques reuniam e ofereciam um saber para todos, de cunho astronômico, religioso, social, científico, técnico, histórico, utilitário, literário e astrológico (LE GOFF, 2013, p. 480). O conteúdo de tais publicações compreendia calendários, jogos, atrações e material recreativo, informativo, científico e literário, trazendo ainda indicações úteis, exercícios literários e previsões, como as vinculadas às estações do tempo, às fases da lua, ao movimento das marés e às profecias (BAHIA, 2010, p. 20). No conteúdo de tais edições, os conhecimentos históricos e científicos ficavam entremeados por literatura, poesia, teatro, juntamente com humor, passatempos, jogos e miríades de informações úteis (MOREIRA, 1998, p. 144). Assim, sem abdicar da sua função inicial de prognóstico, tais publicações ofereciam informação rápida e sintética em vários campos, bem como promoviam a oferta de literatura para públicos específicos (CHAVES, 2012, p. 112).

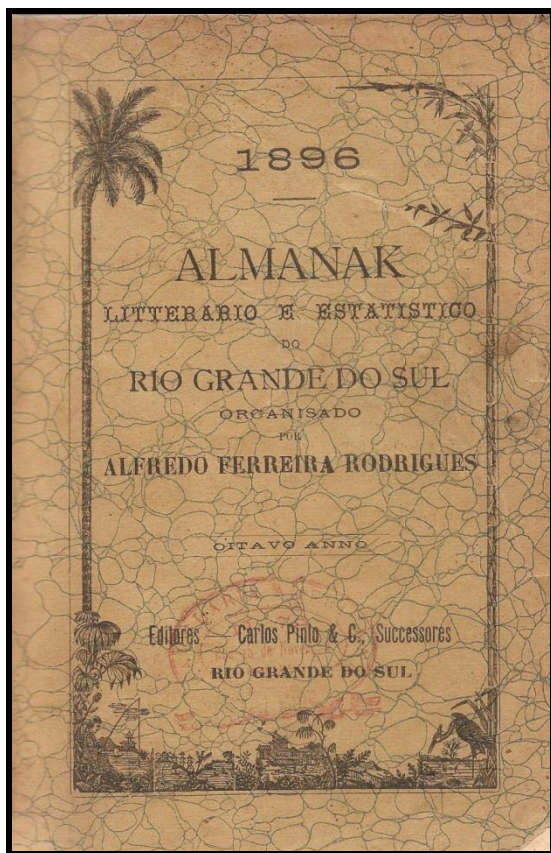
Tal gênero da imprensa tornou-se um objeto capaz de preservar o essencial da sabedoria humana, uma espécie de compêndio passível de arquivar as verdades essenciais, e também fornecer um modelo de organização do cotidiano e da vida em sociedade (ANASTÁCIO, 2012, p. 55). Os almanaques refletiam a relevância que a leitura exercia na vida das pessoas, para as quais os mecanismos de entretenimento eram bastante escassos, de modo que ler passava a ser uma das ações fundamentais na ocupação do tempo livre. Eram voltados à leitura individual, mas também à coletiva, trazendo significativa repercussão, pois as informações/opiniões editadas em tais publicações eram repetidas à exaustão, ganhando força na formação da opinião dos leitores. Ao aliar a leitura às representações iconográficas e aos mais variados tipos de passatempos, os almanaques atuavam como uma proposta alternativa em relação às demais modalidades de periodismo então em voga. A partir dessas potencialidades, o gosto pelos almanaques expandiu-se pelo mundo (ALVES, 2014, p. 130), ganhando o gosto dos leitores também no Brasil, inclusive em sua mais meridional unidade administrativa, o Rio Grande do Sul.

No âmbito rio-grandense do sul da transição do século XIX ao XX, os almanaques tiveram grande voga e prestígio, constituindo o melhor veículo da poesia, do conto e do estudo histórico, chegando algumas dessas publicações a exercer influência na vida mental (CESAR, 2006, p. 388). Nesse sentido, tais anuários se espalharam por várias cidades gaúchas, constituindo diversificadas formas de expressão histórico-literária, mas mantendo o papel de apreciados mecanismos de difusão do conhecimento (PETERSEN, 1967, p. 4). Desse modo, eles atuavam como excelentes órgãos de divulgação da atividade intelectual, histórica e humorística, entre outras, tornando-se veículos de ilustração dos consumidores de sua leitura e repositório de tudo quanto interessava à economia, à vida rural, urbana, social e política dos sul-rio-grandenses (COSTA, 1967, p. 4).

A estratégia editorial empregada pelos almanaques, inclusive os sul-rio-grandenses, era estabelecida de maneira que intelectuais de renome garantiam a qualidade literária do periódico, compartilhando o espaço com autores desconhecidos, estreantes promissores ou colaboradores ocasionais (MOREIRA, 1998, p. 148). Para tal intelectualidade, escrever em periódicos constituía a ocupação de espaços públicos de opinião, de maneira que colaborar com tais veículos era uma forma de afirmação de uma autoridade, um modo de publicar ideias, de divulgar obras e ainda de defender ideologias, de travar polêmicas diversas, enfim, de participar ativamente na construção da esfera pública (PEIXINHO, 2010, p. 427). Esse processo de legitimação editorial por meio da intelectualidade trouxe consigo o constante intercâmbio de autores lusos nos anuários brasileiros, assim como a recíproca foi verdadeira. Tal ação também ocorreu nos almanaques gaúchos, com a participação lusitana neles, inclusive das representantes da escrita feminina, como foi o caso de Adelina Amélia Lopes Vieira, Albertina Paraíso, Alice Moderno, Cláudia de Campos e Maria Amália Vaz de Carvalho.

Foram vários os almanaques que circularam no Rio Grande do Sul, notadamente em suas maiores cidades. O *Almanaque literário e estatístico do Rio Grande do Sul*, editado na cidade do Rio Grande, foi um dos mais longevos e organizados anuários, pois circulou entre 1889 e 1917. Dentre seus objetivos estava o de colecionar os apontamentos que pudessem interessar a todos, mostrando o desenvolvimento e o progresso regional. Pretendia também, a partir de vários elementos esparsos, fazer um livro digno da aceitação e da proteção pública (ALMANAQUE LITERÁRIO E ESTATÍSTICO, 1888, p. 3). A redação do *Almanaque* apontava para o intento constante de buscar aperfeiçoamentos de ordem gráfica e nas partes estatística e literária, além de informar que o anuário estava aberto para receber colaborações em qualquer sentido (ALMANAQUE LITERÁRIO E ESTATÍSTICO, 1889, p. 3). O título inicial era *Almanaque literário e estatístico da província do Rio Grande do Sul*, mas, com a mudança da forma

de governo, foi suprimido o “da província”. Nas suas páginas, tornaram-se bastante comuns os textos de natureza histórica, biográfica e geográfica, havendo também um destaque para os de natureza literária.



Outro anuário rio-grandense-do-sul foi o *Almanaque popular brasileiro*, editado em Pelotas, entre 1894 e 1908. Na primeira edição, a redação afirmava que intentara vencer as dificuldades inerentes a todas as empresas em seu começo, buscando desempenhar aquele espinhoso encargo e pretendendo constituir um simples ensaio em meio às publicações daquele gênero. Tal periódico visava a levar ao público uma ampliada parte de informações e uma mais variada parte recreativa (ALMANAQUE POPULAR BRASILEIRO, 1893, p. 3). Seus editores garantiam manter uma constante busca por tornar tal almanaque em uma publicação mais completa,

mais variada e mais útil (ALMANAQUE POPULAR BRASILEIRO, 1895, p. 3). Gravuras, textos em prosa e poesia, dados generalizados, jogos, recreações e entretenimentos faziam parte do conteúdo dessa folha, que trazia igualmente desenvolvido segmento dedicado a colaborações de natureza científica e literária.



Entre as escritoras lusas que participaram das edições dos almanques do Rio Grande do Sul esteve Adelina Vieira. Nascida em Portugal e vivendo boa parte de sua existência no Brasil, a professora, jornalista, contista, teatróloga e autora de livros infantis Adelina Amélia Lopes Vieira (1850-1923) dedicou-se ao ensino das crianças e às discussões sobre novos métodos didáticos e à criação de textos poéticos, teatrais e infantis. Colaborou assiduamente com jornais e revistas brasileiras, como *O Tempo*, *Eco das Damas*, *Revista Brasileira*, *A Mensageira*, *Almanaque do Teatro*, *Almanaque de Lembranças* e *Almanaque das Senhoras*, bem como publicou *Destinos*, *A virgem de Murilo*, *As duas dores*, *Expiação*, *Contos*

*infantis, Margaridas e A terrina* (COELHO, 2002, p. 27; CRUZ; ABREU, 2022, p. 17-18; FLORES, 1999, p. 554-555).

A presença de Albertina Paraíso também ocorreu em meio às páginas dos almanaques gaúchos. Albertina de Sousa Paraíso (1864-1954) estudou pintura e, além de escritora, foi professora, tendo ainda ampla atuação em meio ao periodismo, como a fundar e dirigir o *Almanaque das senhoras portuguesas e brasileiras*, o *Almanaque das Senhoras Portuenses*, a revista *Alma feminina* e o *Jornal da mulher*. Foi propagadora do ideal da emancipação feminina e produziu grande quantidade de escritos para as publicações que organizou, assim como noutros representantes da imprensa (ABREU; ESTEVES, 2005, p. 35-37).

A escritora Alice Moderno foi uma das recorrentes colaboradoras lusas nos almanaques rio-grandenses-do-sul. Alice Augusta Pereira de Melo Maulaz Moniz Moderno (1867-1946) foi poetisa, professora, jornalista e tradutora, além de ter sido ativista pela emancipação feminina e pelo ideário republicano. Colaborou com vários jornais, dirigiu o *Recreio das salas* e o *Diário dos Açores*, bem como fundou *A Folha*. Dentre suas publicações podem ser citadas: *Aspirações, O Dr. Luís Sandoval, Açores, pessoas e coisas* (ESTEVES, 2005, p. 43-45).

Cláudia de Campos foi outra escritora portuguesa que colaborou com os almanaques sul-rio-grandenses. Maria Cláudia de Campos Matos (1859-1916) escreveu para diversos periódicos e almanaques, atuou como tradutora e pertenceu a várias entidades cívicas. Publicou os livros *Rindo, Último amor, Mulheres: ensaio de psicologia feminina, Ele e Baronesa de Stael e o Duque de Palmela* (LOUSADA; PATRÍCIO, 2022, p. 105-107).

Também se fez presente nas páginas dos almanaques gaúchos a poetisa portuguesa Maria Amália Vaz de Carvalho (1847-1921), autora de obra que envolveu o conto, a crônica, a poesia, a epistolografia, a biografia, a crítica literária e o ensaio. Colaborou com vários jornais portugueses e brasileiros, tendo dedicado significativa parte de seus escritos ao tema da educação feminina. Dentre seus livros figuram *Contos e fantasias, Mulheres crianças: notas sobre educação, Cartas a Luísa, Às nossas filhas e A vida do Duque de Palmela D. Pedro de Sousa e Holstein* (MARTINI, 2022, p. 163-164).

As colaborações das escritoras portuguesas nos almanaques gaúchos estiveram na sua grande parte vinculadas às composições poéticas. O texto poético constitui um documento social à medida que o assunto tratado, os termos da redação, a escolha dos vocábulos utilizados, sua ordenação formal, seu ritmo ou falta dele, sua intencionalidade, tudo são sinais definidores de uma sociedade determinada (CARVALHO, 2008, p. 7). Desse modo, a poesia efetua a transferência conceptual de elementos de uma experiência humana, gerando uma consciência de responsabilidade, a partir

da iluminação das contingências que cercam o artista (AREAL, 1958, p. 23 e 26). A criação poética, em meio às condições nas quais é produzida, constitui a forma mais complexa e mais sintética de expressão do espírito humano, podendo ser a mais abstrata no sentido matemático do termo, mas sendo também a mais direta, a que menos necessita de um suporte concreto, a mais livre e popular, ou seja, aquela que, na fruição das suas realizações históricas ou no aproveitamento dos seus potenciais criativos, está ou parece estar ao alcance de todos (TAVANI, 1983, p. 24).

Levando em conta a realidade em que foi elaborado, o texto poético é um objeto construído na tentativa de circular e de se validar com base no que constitui, tendo em vista as interações com o meio (ECO, 2004, p. 38; ECO, 1983, p. 192). Desse modo, se dá a possibilidade de descortinar um sentido do texto não em uma perspectiva forçosamente restritiva e limitada, mas antes entendendo o fato concreto que ele veicula apenas como ponto de partida para a consideração de um tema que interessa a todo o destinatário (REIS, 1981, p. 48). A poesia traz em si a ênfase posta pela mensagem em si mesma, sua autodesignação, sua autorreferência, em suma, seu caráter autorreflexivo (PERRONE-MOISÉS, 1993, p. 41-43). A narrativa poética carrega consigo um certo número de significações implícitas, calcadas na experiência total do mundo, de modo que a imagem por ela constituída não é necessariamente uma fuga para o imaginário, ou seja, a arte não constitui um refúgio, abrindo sua criação para a totalidade da experiência do autor (LEFEBVRE, 1975, p. 155-156, 161, 164).

A personalidade da criação poética pode trazer consigo a explosão do desejo, da paixão, do capricho individual, do sexo à flor da pele, do instinto de morte, dos lances do acaso e das contingências que cercam os criadores (BOSI, 1996, p. 40). A poesia se define como uma relação de opostos, equilíbrio instável entre duas forças, uma que aproxima da realidade contingente, outra que favorece a criação de uma realidade nova, à imagem e semelhança da primeira (MOISÉS, 1977, p. 143-144). Nesse sentido, a construção poética carrega em si uma mescla entre as vivências e as manifestações criativas da arte.

Nas construções poéticas que marcaram a presença das escritoras portuguesas nos almanaques rio-grandenses, houve uma predominância do poema lírico que tem por preocupação fundamental o próprio “eu”, com juízos subjetivos, expressando alegrias e admirações, dores e sensações, e um quadro pelo qual o criador poético toma consciência de si próprio no âmago do conteúdo criado, trazendo consigo a expressão da subjetividade como tal, de seu exato conteúdo, da alma e dos sentimentos (MOISÉS, 1993, p. 230). Nesse quadro, sentimentos e criação engendram-se mutuamente e podem identificar-se um com o outro (MORIN, 2011, p. 9).

Tais poemas foram marcados pelas relações amorosas e também se

caracterizaram muitas vezes por uma ascendência da melancolia. O melancólico como alimento da verve poética vem ao encontro da perspectiva de fazer da melancolia a panaceia, se não do próprio pensamento, pelo menos da intencionalidade que caracteriza a relação humana com o mundo, no sentido de que comporta em si a própria finitude, redundando daí uma verdadeira referência universal à melancolia. Fica demarcado, assim, um efeito de sedução do melancólico, muito comum entre poetas e romancistas, a serviço da composição do campo perceptivo, seja ela apenas imaginária ou propriamente artística. A partir daí o artista cria as formas do melancólico e as reinsere no seio da realidade sensível submetida, daí por diante, a uma harmonia preestabelecida, e, ao sabor de sua fantasia, elabora uma composição que articula em seu seio o sentimento e a realidade (LAMBOTTE, 2000, p. 10-11, 199-201). As relações entre a melancolia e a arte podem associar-se às carências humanas, a partir de uma inclinação, mais branda ou mais grave, para o estado melancólico, o qual vem a encontrar na arte seu princípio formal (LIMA, 2017, p. 124). Além disso, houve poesia calcada no bucolismo, vindo a abordar as coisas e criaturas do ambiente campestre, rural e os encantos da natureza (CAMPOS, 1978, p. 33). Em meio a essas composições apareceu ainda o poema encomiástico, voltado a louvar alguém, trazendo consigo um elogio formal e incondicional (SHAW, 1978, p. 339).

Em termos de composições marcadas pelo lirismo, Alice Moderno publicou, no *Almanaque literário e estatístico do Rio Grande do Sul*, o poema “A tua voz”, que traz sentimento incontrolável pela fala do amado, equiparando a voz dele aos harmônicos sons de uma orquestra e ao canto proferido pelas aves:

Quando tu falas, que sublime harpejo!  
Que notas santas! Tua voz suave  
É doce como o frêmito dum beijo,  
É doce como os trilhos de uma ave!

A mais encantadora sinfonia,  
Os versos mais artísticos e sábios,  
Não têm a irresistível poesia  
Das frases que murmuram os teus lábios.

E essas frases dulcíssimas, serenas,  
Causa da minha célica esperança,  
Lembram-me a pomba de nevadas penas  
Levando o ramo à arca da aliança.



Quando, ao teu lado, te contemplo e escuto,  
Fico submersa num cisma bendito,  
E, abandonando os crepes do seu luto,  
Minha alma vai pairar pelo infinito.

E ouço, ecoando num sublime harpejo,  
A tua voz dulcíssima e suave,  
Como o amoroso frêmito dum beijo,  
Como os trilhos cadentes duma ave. (ALMANAQUE  
LITERÁRIO E ESTATÍSTICO DO RIO GRANDE DO SUL,  
1888, p. 77)

Conteúdo semelhante aparece em outra poesia publicada também por Alice Moderno, no mesmo anuário. A propósito, o poema denominava-se “Lirismo”, e refere-se a uma paixão que se manifesta tanto no campo dos sonhos quanto nas conversas e até mesmo nos silêncios:

Sonhei contigo, e deste sonho etéreo  
ficou-me a alma cor da estrela d’alva,  
e, ao despertar, livre do atroz cautério  
da dor, disse: – Bendito o amor que salva!

Vi-te! Eras tu! Sereno olhar radioso  
em que a franqueza interior espande.  
(Fito ainda o teu vulto religioso  
cuja harmonia me cativa e prende.)

Como na realidade conversamos  
intimamente, sem rebuço ou estudo,  
e, bem mais que as palavras que trocamos,  
nossos silêncios denunciaram tudo! (ALMANAQUE  
LITERÁRIO E ESTATÍSTICO DO RIO GRANDE DO SUL,  
1895, p. 84)

Ainda de conteúdo lírico, por meio de um soneto, Albertina Paraíso, no *Almanaque popular brasileiro*, encontra a inspiração para o título na expressão alemã equivalente ao desejo de não ser esquecida, atribuindo à figura amada – e quase idolatrada – todo o peso da sua felicidade:

Não digas que de mim estás distante!  
Não digas que de mim estás ausente!  
Quando eu te vejo sempre a todo o instante,

E sempre junto a mim constantemente!

Muitas vezes eu sinto o pranto ardente  
Deslizar-me nas faces abundante,  
E a tua mão súpil e acariciante  
Enxugar o meu pranto meigamente.

Nas largas horas de tristeza, quando  
A escura dor me vem avassalando,  
Vens tu – visão serena e imaculada! –

De manso, debruçar-te no me leito,  
Guardando meus suspiros no teu peito,  
– Oh alma da minha alma idolatrada! (ALMANAQUE  
POPULAR BRASILEIRO, 1895, p. 198)

“A jornada” de Adelina Amélia Lopes Vieira também seguiu o tom lírico, refletindo a respeito das diversas fases da vida humana, desde as felicidades da infância, às descobertas da adolescência, às conquistas da mocidade e às tristezas da velhice:

Infância! Trilho doce, em farta messe  
De rodas, cheio de aves multicores,  
Onde, do sol aos últimos fulgores,  
No regaço materno se adormece.

Adolescência! O mundo que parece  
Um perene jardim de eternas flores,  
Em que, entre sonhos, presentindo amores,  
O som do baile se mistura à prece.

Mocidade! Luz plena! O céu na terra!  
A vida intensa! Amar e ser amada!  
Eis a maior das bem-aventuranças!

Velhice! Atra avalanche que soterra  
Em densíssima treva ilimitada  
Ilusões, devaneios, esperanças... (ALMANAQUE POPULAR  
BRASILEIRO, 1898, p. 123)

Já no alvorecer do novo século, Alice Moderno publicou no *Almanaque popular brasileiro* o poema “*Jugar com fogo*”, tratando de um

amor invencível, figurativamente originado do choque entre o malho e a bigorna:

Bate o ferro gelado em pedra fria  
E desse encontro se desprende a luz,  
Centelha fulgurante, que irradia  
Apenas um segundo... mas seduz.

Assim, ontem, cruzaram-se nos ares,  
Adversários cruéis, de lança e arnês,  
Com íntimo rancor, nossos olhares,  
Que demoramos, sem querer, talvez...

E desse choque inesperado e forte  
Brotou a centelha de insensato ardor.  
– Diz a escritura: pode mais que a morte,  
Que tudo vence, menos ele – o amor! (ALMANAQUE  
POPULAR BRASILEIRO, 1901, p. 257)

O conteúdo melancólico nas criações poéticas expressas pelas portuguesas nos almanaques sul-rio-grandenses foi um dos mais recorrentes. É o caso de “Sensações”, de Alice Moderno, no qual narra a agonia e até um verdadeiro desespero na expectativa de abrir uma carta, buscando com ânsia imaginar o possível sentido da mensagem enviada:

Ao receber a carta, a carta que enviaste,  
permaneci febril, nervosa, irresoluta,  
como a flor que o tufão faz tremular na haste.  
O envelope quadrado, espesso, cor de opala,  
tinha o mesmo condão que o sumo da cicuta,  
que imobiliza o olhar e que embaraça a fala.

Talvez ele encerrasse a lúgubre sentença  
que vinha arrebatar-me uma ilusão dourada,  
e vinha aniquilar a minha última crença.

Talvez viesse fechar-me a derradeira porta  
pela qual entrevi, ardente, imaculada,  
a esperança ideal que tanto nos conforta.

Abri-o lentamente; um sacrossanto intuito  
dizia-me que lesse a carta misteriosa:

é porque, sem sabê-lo, eu já te amava muito!

Abri-a lentamente, e, enérgica, impelida  
por sensação vibrante, ignota, luminosa,  
olhei-te muita vez. Em toda a minha vida,

Conservarei na mente a dólcida lembrança  
desse dia tão belo, encantador e grato,  
em que realizei uns sonhos de criança,  
lendo as tuas canções, fitando o teu retrato! (ALMANAQUE  
LITERÁRIO E ESTATÍSTICO DO RIO GRANDE DO SUL,  
1889, p. 90)

A temática da correspondência voltou a ser abordada por Alice  
Moderno em “A tua carta”, narrando a tristeza do amor que se esvaecia,  
conforme poderia ser observado na alteração do estilo de escrita das missivas  
de outrora e as do presente:

A tua carta, recebida agora,  
é tão cerimoniosa, realmente,  
que eu fui buscar as que escreveste outrora  
e comparei-as a esta do presente.

E fiquei-me a cismar bem tristemente:  
já desfalece, é certo, já descora  
o amor incomparável e esplendente  
que em sua alma raiou como uma aurora!

E então reví na mente escandecida  
as fases da paixão já esquecida  
que te fez palpar o coração!

Olha, esta tua carta, a derradeira,  
veio ensombrar uma existência inteira,  
desfolhando-lhe a última ilusão! (ALMANAQUE LITERÁRIO  
E ESTATÍSTICO DO RIO GRANDE DO SUL, 1892, p. 129)

A mesma escritora inspirou-se na obra do escritor alemão Johann  
Wolfgang von Goethe para redigir “Margarida e Fausto”, referindo-se a uma  
relação amorosa que tenderia ao fracasso, uma vez que era intermediada por  
uma figura que trazia em si a encarnação do mal:

Ao ver-se já tão velho, o doutor Fausto,  
cravando o olhar sùtil em Margarida,  
sobre as aras do amor, em holocausto,  
quer imolar-lhe a ciência, a alma e a vida!

“Mefistófeles! brada. A vida é escura  
e o amor claro e vermelho como um cacto...  
Oh! concede-me ao menos a ventura  
de realizar o tenebroso pacto!

Vale bem mais de amor uma hora apenas  
do que essas existências mais serenas  
do que as ondas do mar, que não têm vida.

Mefistófeles, surge! A crença é morta!  
Olha, do teu inferno eu bato à porta,  
mas dá-me em troca o amor de Margarida.” (ALMANAQUE  
LITERÁRIO E ESTATÍSTICO DO RIO GRANDE DO SUL,  
1893, p. 127)

Igualmente no *Almanaque literário e estatístico do Rio Grande do Sul*, a mesma Alice Moderno apresentou “Seu nome”, também carregado nas cores melancólicas, revelando uma paixão inspirada no nome do amado, imaginando que tal pretensão amorosa se estenderia até mesmo para o além-túmulo:

Há no seu nome, um nome diamantino,  
que me inspira, me eleva e me consola,  
a limpidez de um lago cisalpino  
e a piedade infinita de uma esmola.

Sendo pequeno e doce, em si resume  
tudo quanto há de grande e santo e bom,  
desde a flor que nos dá o seu perfume  
à vibração da qual deriva o som.

Eu que nunca fui dada ao misticismo,  
nem pude ter divagações ideais,  
murmuro-o muita vez, e o fetichismo  
não tem adeptos que o respeitem mais.

A nenhum melhor senta um diadema,

e tem em toda a parte o seu lugar,  
nas páginas brilhantes de um poema  
e nas aras divinas de um altar.

Quando eu morrer, e, pela vez primeira,  
me sossegar o inquieto coração,  
será seu nome a prece derradeira  
que eu hei de balbuciar, cheia de unção,

E a forma que lhe der, ao perpassar,  
esse nome, que é benção e é escudo,  
religiosamente há de guardar,  
inda depois, meu frio lábio mudo.

Nome de luz! Nome que em si resume  
tudo quanto há de grande e santo e bom,  
desde a flor que nos dá o seu perfume  
à vibração da qual deriva o som. (ALMANAQUE  
LITERÁRIO E ESTATÍSTICO DO RIO GRANDE DO SUL,  
1895, p. 201)

Uma melancólica despedida é o tema abordado por Adelina Amélia Lopes Vieira no poema “Adeus”, que se referia à interrupção de uma relação, carregada de lamentos, equivalendo tal criação poética a um canto de lamento:

E pararam à porta; a que saía  
Tinha na trança de ouro entrelaçada  
A flor da laranjeira, a flor do amor,  
Vaporosa, a roupagem mal cobria  
As formas ideais; ia apressada,  
Risonha, acesa em sideral rubor.

A que entrava trazia alvo de arminho  
Longo e pesado véu, os olhos belos  
Rasos de pranto. Ensanguentara os pés  
Nas agruras e abrolhos do caminho;  
Tinha soltos e negros os cabelos,  
Suave aspecto, etérea palidez.

Olharam-se um instante: – “Já te ausentas?  
Dize, porque, oh! divinal criança?!”

A triste assim falou; a loira a rir  
Respondeu: “Porque chegas; tu lamentas,  
Eu canto, és a saudade, eu a esperança,  
És a dor do passado, eu o porvir.”

E partiu e voou. A dolorosa  
“Volta!” gritava, “esperança! é muito cedo!”  
“Não” tornou a esperança. A outra então  
Viu-a ocultar-se em nuvens e, chorosa,  
Foi-se embrenhando pouco a pouco, a medo,  
No asilo do mistério – o coração! (ALMANAQUE POPULAR  
BRASILEIRO, 1895, p. 234)

Ainda da lavra da mesma escritora, o *Almanaque popular brasileiro* trouxe em suas páginas o poema “Anoitece”, igualmente melancólico ao comparar o desaparecimento do sol com a inevitável finitude da vida:

Véu de tristeza a terra e os céus invade;  
De espaço a espaço, ave agourenta pia;  
O orvalho chora, e, em lenta suavidade,  
Badala o sino ao longe – Ave Maria;

Ave Maria, essa hora em que à saudade  
Da luz se junta o horror à treva fria,  
Tão cheia de mistérios e ansiedade,  
Tão repassada de melancolia!

Cheguei também da vida a essa hora triste,  
Crepúsculo, em que o sol já não existe,  
Em que a luz da ilusão desaparece.

Horas ardentes em que o sol fulgura!  
Horas de amor! de glória! de ventura!  
Dia! porque me foges?! Anoitece... (ALMANAQUE  
POPULAR BRASILEIRO, 1904, p. 270)

O conteúdo bucólico, com a exaltação das forças da natureza, especificamente no que tange à beleza expressa nas cores das borboletas, ficou demarcado na composição de Alice Moderno. Sob o título “As borboletas”, a poetisa exaltava o encanto de tais insetos, mas se referia ao breve período de existência, comparando tal vicissitude às pouco duráveis

ilusões dos poetas:

Apenas desponta o dia,  
Doidivanas, irrequietas,  
Sob as densas ramarias,  
Vão as belas borboletas.

Vi-as junto a mim passar,  
E fisguei-me a suspirar.

Sem receios nem temor,  
Espalham-se entre a verdura;  
Da brisa é túbio o rumor,  
Mas no céu tudo é negrura.

E no meu seio oprimido  
Solta a dor o seu vagido.

Ruge o vento. Destroçado  
O alegre esquadrão ficou.  
A morte lhes deu o fado,  
Nem uma ao seu lar voltou.

São como essas borboletas  
As ilusões dos poetas. (ALMANAQUE POPULAR  
BRASILEIRO, 1897, p. 212)

Mantendo em sua criação poética a presença do bucolismo associado à melancolia, Adelina Amélia Lopes Vieira colaborou com o conteúdo de um anuário gaúcho através do soneto “É tarde”, em que um quadro composto por vários elementos da natureza serve de cenário para uma referência às mágoas e à morte:

Assim, na sombra, esconde-te, alma triste,  
Não procures o sol que esplende fora;  
Oh! não te esquecerá! da tua aurora,  
Do teu dia de luz, já nada existe.

Se a um raio ousado e quente o seio abriste,  
Se a tua noite horroriza agora,  
Pensa que é tarde, e padecendo chora,  
Que as lágrimas são bálsamo. Resiste.



Lembram-te, sei, alfombras orvalhadas,  
Todas cheias de luz e de violetas,  
As pombas, pelo azul, em revoadas,

As ondas do mar alto irrequietas,  
As montanhas, ao longe, iluminadas...  
Morre! Mas cala mágoas indiscretas. (ALMANAQUE  
POPULAR BRASILEIRO, 1905, p. 278)

Em termos encomiásticos, Alice Moderno utilizou-se de seus versos para prestar uma homenagem a um ator, naquilo que denominou “Sua festa artística”, descrevendo alguns das ações promovidas por ele quando se encontrava encenando no palco:

– Quem és tu? quem és tu? Na tua vasta fronte  
sulcos diviso! Acaso os traçaria a dor,  
que entristece uma vida e ensombra um horizonte?  
Quem és tu? quem és tu? – Eu sou um sonhador!

– Caminhas sem cessar! Que febre te consome?  
Esperas do futuro esplêndida, conquista?  
Sei que és um sonhador; não sei qual é teu nome...  
– Só um aspiro a ter. – E é esse nome? – Artista!

– Vejo-te pensativo! Acaso tens sepulto,  
Visto que Deus contigo as ditas não reparte,  
no âmago do peito uma paixão, um culto?  
– Oh! sim! Eu amo alguém. – E esse alguém? – A arte!

– Em teu profundo olhar brilha uma chama ardente,  
sei que te chamam rei, os príncipes da pena,  
e eu quisera admirar teu trono auri-fulgente;  
aponta-me onde está! – Tenho por sólio a cena!

– Artista, sonhador, amante, rei, portento!  
és mártir: vais trilhando uma existência inglória!  
Quem é que faz justiça ao mérito, ao talento?  
– Fá-lo alguém! – E esse alguém? – Quem há de ser? A  
história. (ALMANAQUE LITERÁRIO E ESTATÍSTICO DO  
RIO GRANDE DO SUL, 1893, p. 83)

Os textos em prosa de autoras portuguesas, na forma de pensamentos e de crônica, ainda que em bem menor quantidade, também se fizeram presentes nos almanaques sul-rio-grandenses. O tema que os orientou esteve vinculado ao papel social da mulher, reproduzindo a ação que as representantes do sexo feminino desempenharam para promover seu pensamento por meio do jornalismo. Tal perspectiva advinha do fato de que muitas mulheres escritoras assumiram a imprensa como veículo de propaganda eficaz do seu ideário, pelo qual se entregaram e se sacrificaram, apostando no seu efeito multiplicador. Elas não pretendiam perder uma oportunidade que fosse para reivindicar, denunciar, instruir e refutar, estando cientes de que a palavra escrita faria seu caminho, amplificando o alcance espacial e temporal da sua mensagem, de modo que o periodismo serviu de amplificador da voz que elas queriam fazer ouvir (LOUSADA, 2021, p. 18). Em tal conjuntura, os anuários gaúchos constituiriam também ferramentas para a expressão de tais mensagens.

Em um desses textos, intitulado “A mulher”, Maria Amália Vaz de Carvalho enaltecia o papel feminino nos cuidados com as doenças, fosse no âmbito doméstico, fosse no hospitalar. Nesse sentido, a escritora afirma que “não há para uma mulher de vasto entendimento e de nobre coração mais elevado destino que o de consolar a enfermidade, no desalento, na desgraça, ou na injustiça, um espírito digno de entendê-la” (ALMANAQUE POPULAR BRASILEIRO, 1895, p. 284). Referindo-se aos sentimentos maternos, Alice Moreno destaca que “em toda a mãe há uma heroína que arriscou a vida pelo amor”, e completava com a ideia de que “entre duas pessoas que se amam, os silêncios têm uma significação muito mais completa e incomparavelmente mais alta do que as palavras” (ALMANAQUE LITERÁRIO E ESTATÍSTICO DO RIO GRANDE DO SUL, 1895, p. 91).

Ainda com referência ao papel social da mulher, Cláudia de Campos publicou no *Almanaque Popular brasileiro* o texto “Conselho às mães – educação das crianças”, no qual opinava a respeito da criação das meninas, criticando os hábitos que condenavam a mulher à submissão desde a infância:

São muitas vezes as próprias mães que, levemente, cuidando contribuir para que seus filhos sejam um conjunto de preciosidades morais, lhes dão a primeira ideia do mal, assacando-lhes defeitos que os inocentinhos nem sequer sonham ainda. Deplorável ilusão esta! Quem poderá observar sem mágoa a mãe que, de dedo erguido a significar ameaça diante da frágil criaturinha, a quem deu a existência seis anos antes, lhe diz com energia:

– A menina mentiu; fez isso por maldade; é uma teimosa, não tem vergonha nenhuma, etc.

Quantos defeitos tem já a pobre criança! Impostura, ruindade, obstinação, desvergonhamento! O que aí vai! Por este caminhar, dentro de poucos anos deve ser um monstro.

O pior não é ainda o martírio infligido ao tímido coraçãozinho com aquela catilinária. O pior são os resultados provenientes de tão bárbaro sistema. A criança, que não tem condições para a luta, debaixo do peso de acusações que mal compreende, submete-se. E assim se vai a desconfiança a pouco e pouco apoderando-se da sua alma nascente, até expungir de lá os inatos e puros sentimentos de confiança em tudo, que são o mais encantador atributo da infância.

Injuriada quase desde o berço, a criança aprende a desprezar-se. Daqui à perda total do brio medeia pouco espaço. Quem se não prezar a si, como há de aspirar ao respeito dos outros?

Quantas crianças não perdem o amor ao estudo à força de ouvirem dizer que são descuidadas nas suas lições, e de ouvirem diante seja de quem for?!

Repetir por hábito às vistas que a menina da casa é preguiçosa, obrigando-a a escutar impassível e a pé quedo a pungente censura, não é senão afrouxar-lhe o brio.

Quem atentar bem nas brincadeiras de qualquer criança reconhece logo o sistema de educação que a dirige. Tenho visto meninas que a brincar maltratam as bonecas, aplicando-lhes frequentes castigos, ralhando constantemente com elas, batendo-lhes sem dó. Outras então cobrem poeticamente de afagos a insensível figurinha com que se entretêm, dando-lhe brandamente conselhos, ensinando-lhe a rezar, admoestando-a sem nunca empregar palavras grosseiras nem agressivas.

Como explicar a antinomia destes procedimentos?

Mera inclinação natural isso não, que a inocência tem toda a propensão para a meiguice e para o trato carinhoso. A diferença do modelo que procuram imitar é a única explicação natural do fenômeno. (ALMANAQUE POPULAR BRASILEIRO, 1901, p. 202).

Assim, como promotores da difusão de informações generalizadas, envolvendo diversificadas áreas do saber humano, os almanaques constituíram-se em publicações anuais que bem caracterizavam a perenidade que envolvia a imprensa de então, ou seja, as informações/opiniões expressas

em suas páginas perduravam pelo largo período de um ano. O gosto por tais anuários ganhou o mundo e também se fez presente no Brasil em suas várias unidades administrativas, inclusive a mais meridional delas, o Rio Grande do Sul. Dentre os almanaques sulinos tiveram destaque o *Almanaque literário e estatístico do Rio Grande do Sul* e o *Almanaque popular brasileiro*, editados em duas das mais progressistas cidades gaúchas daquela virada do século XIX para o XX, Rio Grande e Pelotas. Como era tradição desses anuários no âmbito internacional, ao lado das generalidades, apareciam textos de autoria desde intelectuais reconhecidos até escritores novíços, que encontravam naquelas publicações espaço para divulgarem seus escritos. Nos dois almanaques rio-grandenses, a maioria dos escritores era do sexo masculino, entretanto, as mulheres não deixaram de marcar presença em seu conteúdo, como foi o caso de algumas escritoras portuguesas, que se manifestaram com composições poéticas de teor lírico, melancólico, bucólico e encomiástico e mesmo com prosas voltadas à abordagem de uma nova função social para a mulher. Nesse quadro, os almanaques rio-grandenses-do-sul também tiveram seu papel no processo de integração intelectual e cultural luso-brasileira, apertando os laços entre ambos os países por meio do intercâmbio de colaborações de autoria feminina amiúde cruzando o Atlântico.

#### FONTES:

ALMANAQUE LITERÁRIO E ESTATÍSTICO DA PROVÍNCIA DO RIO GRANDE DO SUL PARA 1889. Rio Grande: Livraria Americana, 1888.

ALMANAQUE LITERÁRIO E ESTATÍSTICO DA PROVÍNCIA DO RIO GRANDE DO SUL PARA 1890. Rio Grande: Livraria Americana, 1889.

ALMANAQUE LITERÁRIO E ESTATÍSTICO DO RIO GRANDE DO SUL PARA 1893. Rio Grande: Livraria Americana, 1892.

ALMANAQUE LITERÁRIO E ESTATÍSTICO DO RIO GRANDE DO SUL PARA 1894. Rio Grande: Livraria Americana, 1893.

ALMANAQUE LITERÁRIO E ESTATÍSTICO DO RIO GRANDE DO SUL PARA 1896. Rio Grande: Livraria Americana, 1895.

ALMANAQUE POPULAR BRASILEIRO PARA O ANO DE 1894. Pelotas: Livraria Universal, 1893.

ALMANAQUE POPULAR BRASILEIRO PARA O ANO DE 1896. Pelotas: Livraria Universal, 1895.

ALMANAQUE POPULAR BRASILEIRO PARA O ANO DE 1898. Pelotas: Livraria Universal, 1897.

ALMANAQUE POPULAR BRASILEIRO PARA O ANO DE 1899. Pelotas: Livraria Universal, 1898.

ALMANAQUE POPULAR BRASILEIRO PARA O ANO DE 1901. Pelotas: Livraria Universal, 1900.

ALMANAQUE POPULAR BRASILEIRO PARA O ANO DE 1902. Pelotas: Livraria Universal, 1901.

ALMANAQUE POPULAR BRASILEIRO PARA O ANO DE 1905. Pelotas: Livraria Universal, 1904.

ALMANAQUE POPULAR BRASILEIRO PARA O ANO DE 1906. Pelotas: Livraria Universal, 1905.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ABREU, Ilda Soares de; ESTEVES, João. Albertina de Sousa Paraíso. In: CASTRO, Zília Osório de; ESTEVES, João (dir.). *Dicionário no feminino (séculos XIX e XX)*. Lisboa: Livros Horizonte, 2005.

ALVES, Francisco das Neves. Alfredo Ferreira Rodrigues: difusor do gosto pelos almanaques em terras sul-rio-grandenses. In: CHAVES, Vania Pinheiro (org.). *O Rio Grande do Sul no Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*. Porto Alegre: Gradiva, 2014. p. 129-156.

ANASTÁCIO, Vanda. Almanaque. Origem, gêneros, produção feminina. *Veredas*, Santiago de Compostela, n. 18, p. 53-74, 2012.

AREAL, Antonio Santiago. *Estrutura do sentido antecedido por análise e definição da poesia*. Lisboa: Portugália Editora, 1958.

BAHIA, Juarez. *Dicionário de jornalismo – século XX*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

BOSI, Alfredo. Sobre alguns modos de ler poesia. In: BOSI, Alfredo (org.). *Leitura de poesia*. São Paulo: Ática, 1996. p. 7-50.

CAMPOS, Geir. *Pequeno dicionário de arte poética*. São Paulo: Cultrix, 1978.

CARVALHO, Rômulo de. *O texto poético como documento social*. 3.ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.

CESAR, Guilhermino. *História da Literatura do Rio Grande do Sul (1737-1902)*. 3.ed. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro; CORAG, 2006.

CHAVES, Vania Pinheiro. O *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* na história da cultura e das literaturas de Portugal e do Brasil. In: MOREIRA, Maria Eunice (org.). *Percursos críticos em história da literatura*. Porto Alegre: Libretos, 2012. p. 111-122.

COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário crítico de escritoras brasileiras*. São Paulo: Escrituras, 2002.

COSTA, Renato. A Província de São Pedro do Rio Grande do Sul e os seus almanaques. *Correio do Povo*, a. 72, n. 87, p. 4, 14 de janeiro de 1967.

CRUZ, Eduardo da; ABREU, Sérgio Luís Silva de. Adeline Lopes Vieira. In: CRUZ, Eduardo da; CASTRO, Andreia (orgs.). *Ao raiar da Aurora: antologia de narrativas breves de escritoras portuguesas oitocentistas*. São Paulo: LiberArs, 2022. v. 2. p. 17-18.

ECO, Umberto. *Leitura do texto literário – lector in fabula: a cooperação interpretativa nos textos literários*. Lisboa: Editorial Presença, 1983.

ECO, Umberto. *Os limites da interpretação*. 2.ed. Alges: DIFEL, 2004.

ESTEVES, João. Alice Augusta Pereira de Melo Maulaz Moniz Moderno. In: CASTRO, Zília Osório de; ESTEVES, João (dir.). *Dicionário no feminino (séculos XIX e XX)*. Lisboa: Livros Horizonte, 2005. p. 43-45.

FLORES, Ilda Agnes Hübner. *Dicionário de mulheres*. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1999.

LAMBOTTE, Marie-Claude. *Estética da melancolia*. Rio de Janeiro: Companhia Freud, 2000.

LEFEBVRE, Maurice-Jean. *Estrutura do discurso da poesia e da narrativa*.

Coimbra: Almedina, 1975.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 7.ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

LIMA, Luiz Costa. *Melancolia: literatura*. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

LOUSADA, Isabel. Imprensa: amplificador da voz feminina. In: ALVES, Francisco das Neves; LOUSADA, Isabel. *A imprensa como bastião da escrita feminina: estudos no contexto sul-rio-grandense e português*. Lisboa; Rio Grande: Cátedra de Estudos Globais da Universidade Aberta/CIPSH/UNESCO; Biblioteca Rio-Grandense, 2021. p. 12-18.

LOUSADA, Isabel; PATRÍCIO, Sandra. Cláudia de Campos. In: CRUZ, Eduardo da; CASTRO, Andreia (orgs.). *Ao raiar da Aurora: antologia de narrativas breves de escritoras portuguesas oitocentistas*. São Paulo: LiberArs, 2022. v. 2. p. 105-107.

MARTINI, Elisabeth. Maria Amália Vaz de Carvalho. In: CRUZ, Eduardo da; CASTRO, Andreia (orgs.). *Ao raiar da Aurora: antologia de narrativas breves de escritoras portuguesas oitocentistas*. São Paulo: LiberArs, 2022. v. 1, p. 163-164.

MOISÉS, Massaud. *A criação poética*. São Paulo: Melhoramentos; Editora da Universidade de São Paulo, 1977.

MOISÉS, Massaud. *A criação literária – poesia*. 12.ed. São Paulo: Cultrix, 1993.

MOREIRA, Alice T. C. Almanaque: fonte plural da história da literatura do Rio Grande do Sul. *Letras de hoje*, Porto Alegre, v. 33, n. 3, p. 143-149, 1998.

MORIN, Edgar. *Amor, poesia, sabedoria*. 10.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

PEIXINHO, Ana Teresa. Escritores e jornalistas: um estudo de caso. In: RIBEIRO, Maria Manuela Tavares (coord.). *Outros combates pela História*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2010. p. 423-436.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Texto, crítica, escritura*. 2.ed. São Paulo: Ática,

1993.

PETERSEN, Júlio H. A Província de São Pedro do Rio Grande do Sul e os seus almanaques. *Correio do Povo*, a. 72, n. 88, p. 4, 15 de janeiro de 1967.

REIS, Carlos. *Técnicas de análise textual*. 3.ed. Coimbra: Livraria Almedina, 1981.

SHAW, Harry. *Dicionário de termos literários*. Lisboa: Dom Quixote, 1978.

TAVANI, Giuseppe. *Poesia e ritmo: proposta para uma leitura do texto poético*. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1983.

Recebido em: 16 set. 2023

Aprovado em: 30 out. 2023